



Como eram os primeiros alunos?

Nós selecionamos alunos, isso eu digo com muita tristeza, que estavam no quarto ou quinto ano, que eram completamente analfabetos. O maestro dizia: “Escreva dó, ré, mi, fá, sol”. Não sabiam o que era um ‘d’, não sabiam o que era um ‘r’, não sabiam o que era um ‘e’. Isso no quarto ou quinto ano do ensino fundamental. Aí você pergunta: como é que essa pessoa passou, pelo amor de Deus, do primeiro para o segundo, do segundo pro terceiro, do terceiro para o quarto? Completamente analfabeto. Depois nós passamos a fazer testes mais rigorosos de português, de matemática. Então, houve a seleção e nós principiamos em 25 de julho de 2006 com 100 crianças e adolescentes na faixa dos 6 a 14 anos, os menores tocando, obviamente, violino e viola e os maiorzinhos tocando violoncelo e contrabaixo, que é o instrumento maior. E aí teve início essa jornada que foi e é muito desafiadora, mas ao mesmo tempo muito rica. O projeto, ao dotar esses meninos e meninas de esperança, é como uma luz que se acende na vida deles. Temos testemunhos de casais que estavam se separando e, por conta do filho estar aqui, recebendo valores, dicas de como se deve portar à mesa ou numa conversa com a pessoa ou ao sentar-se, viam dignidade e é essa luz que vai iluminando também as outras pessoas do núcleo familiar dessa criança.

Ou seja, o projeto vai bem além da música...

O objetivo do projeto é formar o cidadão, com bons valores, com verdade. E, quando se forma um cidadão, isso é um contributo à pátria. O objetivo primeiro do projeto não é formar músico. Músico é consequência. Por quê? Porque se identificou que aquele garoto ou aquela garota tem talento musical, tem talento para música. Como poderia ter para o basquete, para o vôlei, para o atletismo, para dança, para qualquer outro meio artístico, mas foi identificado que tem, que Deus deu o talento para música. E aí o que a orquestra faz? Dá todos os apetrechos necessários para que essa criança, esse nosso irmão menos favorecido possa crescer, possa desenvolver o seu talento. Porque talento sem oportunidade é talento que nasce, morre e ninguém vai vê-lo.

Olhando para trás, depois de 20 anos, o que representa toda essa construção?

Nós demos vida ao que não tinha vida em termos de concreto e cimento. Edificações que estavam completamente abandonadas passaram a ter vida. E nós passamos a dar vida por meio da esperança concreta,

“Nós passamos a dar vida por meio da esperança concreta, fruto da oportunidade, não dá esmola, porque a esmola destrói, a oportunidade transforma as pessoas”

fruto da oportunidade, não dá esmola, porque a esmola destrói, a oportunidade transforma as pessoas, os irmãos nossos menos favorecidos da comunidade do Coque. Ao chegarem aqui, passaram a ser reconhecidos verdadeiramente como cidadãos. Uma oportunidade verdadeira, não de enganação. Mais de 1.000 garotos passaram por aqui e, desses, eu diria que desses, 80% são músicos, seguiram as suas vertentes na música, mas os 1.000 são cidadãos, isso é o mais importante para a gente. Os outros 20% enveredaram por outras áreas, como o direito. Na Vara em que eu sou titular, há mais de 25 anos, três estudantes nossos que eram estagiários lá, hoje são advogados, prestaram o exame da Ordem e passaram. E são advogados certamente melhores do que aqueles que não têm a música dentro de si. Eu lamento por eu não ter a música dentro de mim. Certamente eu seria um juiz melhor.

Como você vê a Orquestra Cidadã hoje?

Vejo como um exemplo que poderia ser transportado para várias outras comunidades, não só do Recife, mas de Pernambuco, do Brasil e do mundo, porque se nós fizemos em qualquer lugar do mundo, no planeta Terra, o que nós fizemos aqui da forma como nós fizemos, de forma séria, de forma isenta, sem privilegiar quem quer que seja, não tem como dar errado, isso eu lhe garanto, não tem como dar errado. Sonho em ver esse projeto, essa luz sendo levada para ambientes onde a escuridão ainda reina.

Hoje a estrutura oferece o quê?

Desde o início, nós oferecemos três refeições diárias, porque entendemos que não tem como se pensar em uma evolução artística com uma barriga vazia. Temos apoio psicológico, médico e odontológico, os meninos

têm fardamento de uso diário, fardamento de gala e também aulas de línguas — nós temos convênios com universidades, como a Universidade AESO, em Olinda. O mais importante é blindar esses meninos para que não haja furos na formação do caráter. Alguns deles têm uma carreira internacional. Muitos passaram em primeiro, segundo lugar nas seleções. Esses resultados são os que nos dão essa satisfação, esse sentimento de realização. É o motor para que a gente continue a lutar todo dia, a matar um leão todo dia, para a gente seguir. Porque você sabe o quanto é difícil você fazer, trabalhar no terceiro setor, num projeto social num país como o Brasil.

São muitas as dificuldades para manter o projeto?

Eu tenho certeza que é um projeto de Deus. Eu vi coisas aqui que fogem do parâmetro da normalidade. Antonino (Tertuliano) é um grande case. Chegou a ser aprovado num concurso para a Filarmônica de Israel. Eram 40 candidatos do mundo inteiro para duas vagas. Só ele passou. Hoje, está na Alemanha. Mas tem muitos outros pela Europa, nos Estados Unidos, aqui no Brasil, na Paraíba, em São Paulo. São esses resultados que nos dão essa satisfação, esse sentimento de realização. É o motor para que a gente continue a lutar todo dia, a matar um leão todo dia, como eu digo, para a gente seguir. Porque você sabe o quanto é difícil você fazer, trabalhar no terceiro setor, num projeto social num país como o Brasil. A gente trabalha há 17 anos com a Lei Rouanet, em que as empresas fazem a dedução de impostos em troca do patrocínio. Mas é preciso toda uma estratégia de convencimento.

E quais os planos para o futuro? Além da comunidade do Coque, outros locais são atendidos hoje, certo?

Além do Coque, temos um núcleo em Camela, distrito de Ipojuca (PE), uma localidade onde havia altos índices de delinquência infanto-juvenil, de prostituição infantil e juvenil, e nós fomos para lá para estarmos num lugar socialmente muito sensível de uma vulnerabilidade social muito grande para cumprir um papel preventivo. E lá muitos garotos que antes cortavam cana, porque é uma cidade cercada de cana de açúcar, trocaram o facão por um arco de um violino, de uma viola, de um violoncelo, de um baixo, veja que mudança extraordinária. De lá, tem alguns alunos que estão em universidades americanas já. Veja a força da oportunidade. Um menino que usava um facão para cortar a cana hoje tá numa universidade americana. E, além do núcleo de Ipojuca, que tem 130 alunos nas cordas e na percussão, há 8 anos foi iniciado um núcleo menorzinho, em parceria com uma empresa que produz energia elétrica, na zona rural de Igarassu, num local denominado Chã de Cruz. Esse núcleo contempla 30 alunos, com três dias por semana. Fora isso, tem a escola, que é uma fábrica de instrumentos, construída com recursos derivados de uma instituição italiana.

As viagens internacionais começaram quando?

Começaram há 13 anos. A primeira foi em Kassel, na Alemanha, na comemoração dos 700 anos de fundação daquela cidade. Foi a primeira e vieram muitas outras, para a Itália, Portugal, Argentina, Estados Unidos.